

PLACAR



10 ANOS

REVISTA ESPORTIVA SEMANAL DA EDITORA ABRIL • N.º 546 • 17/OUTUBRO/1980 • Cr\$ 70



TRAGÉDIA: AQUI JAZ O VERDÃO



Zê Sérgio

**JOINVILLE: TUDO
PRONTO PARA O TRI**

**TAÍ! O COLORADO
NÃO TREME MAIS**

Vaguinho
**HÃ
10 ANOS
VENCENDO
INIMIGOS**



**“NÃO HÃ CANELA
QUE AGÜENTE”**

EXTRA

1.º CENSO DO FUTEBOL



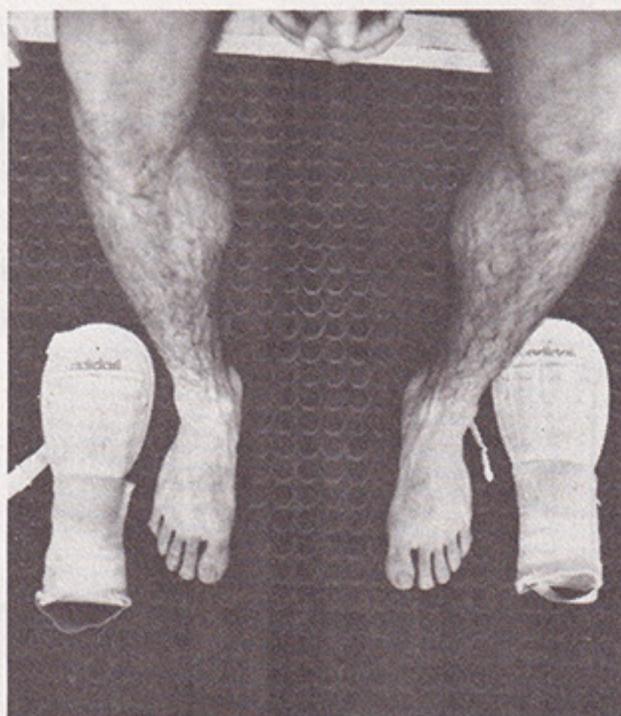
DESTAQUE E GARDE
TUDO! Jogadores, Clubes, Estádios,
Salários, Técnicos, Juizes...

SÓ ENTRANDO DE ARMADURA

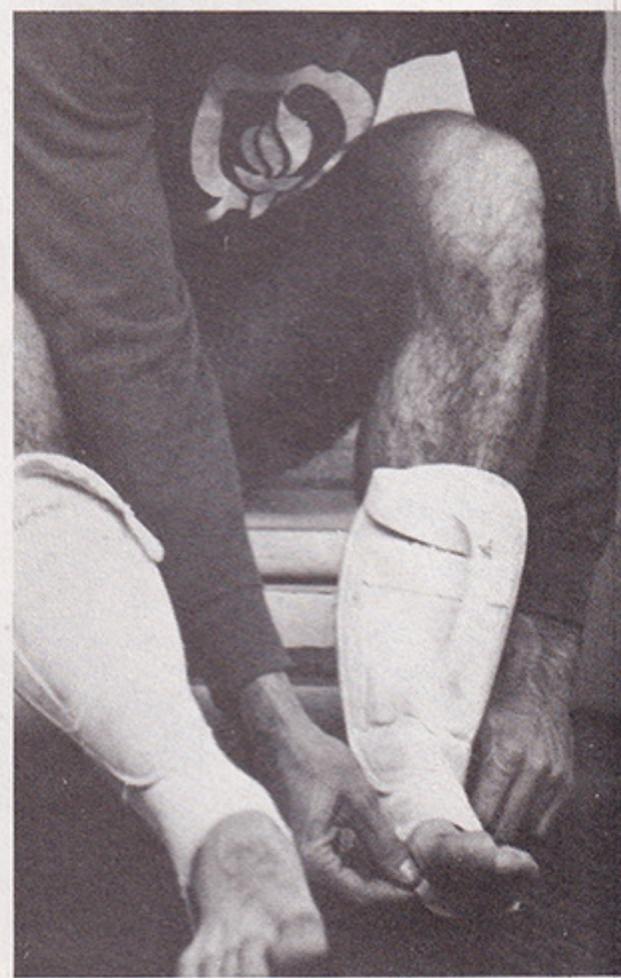
Sua mais recente providência: importar caneleiras da Europa, para proteger pernas que valem milhões. Um gesto extremo para neutralizar os efeitos do jogo violento. Mas os inimigos, indiferentes, garantem que vão continuar a bater.



FOTOS JB SCALCO



Composta por camadas de espuma de náilon e amianto, a caneleira de Zé Sérgio protege do tornozelo até o joelho. Por ser anatômica, não atrapalha a circulação do sangue.



Zé Sérgio, uma das maiores vítimas do duro e violento futebol paulista, acaba de fazer uma descoberta surpreendente.

— Não são só os laterais que estão tentando me parar na porrada. Agora, além deles e dos centrais que saem na cobertura, também alguns pontas estão recuando e entrando para rachar. Assim não há canela que agüente.

O mais maldoso de todos — conta Zé Sérgio — é Toquinho, ponta-direita da Portuguesa, um especialista em acertar

calcanhares. Mas Toquinho não é o único, nem os caçadores, laterais ou pontas, parecem preocupados em esconder suas intenções. No máximo, usam o velho chavão: “Futebol é para homem.”

**Desculpa de medíocre:
“Bato para sobreviver”**

Este é, por exemplo, o caso de Marinho Paranaense, lateral da Ferroviária de

Araraquara, qualificado de duro mas leal:

— Tenho de bater mesmo, porque senão ele passa todas as vezes que tentar. E vai continuar na Seleção, enquanto eu vou continuar gramando no Interior. Mas procuro só bater na boa, para interromper a jogada. Nunca para quebrá-lo.

Só que, nessa de bater na boa, Zé Sérgio já ficou dez dias no estaleiro. Anda com as pernas sempre doloridas, não consegue desenvolver todo seu futebol e foi obrigado a importar uma canel-



cando corretamente as regras, Márcio Campos Sales aceita as críticas, mas transfere-as para a Federação — que não lhe dá boa retaguarda; para os técnicos — que mandam seus jogadores bater; para o sindicato dos jogadores — que não se reúne para tomar uma posição; e até para os jornalistas — que, diz, nunca estão de acordo com as decisões que os juízes tomam.

— Que estão caçando o Zé Sérgio — concorda Márcio — eu já percebi há muito tempo. E não só a ele, não. São todos os craques. Tudo sob nossas vistas e sem que tomemos qualquer providência mais firme. Mas pergunto: o que aconteceria se eu aplicasse direitinho a lei, e mandasse, num único jogo, três ou quatro violentos para o chuveiro?

Segundo Márcio, o mundo cairia sobre sua cabeça. Seria acusado de querer aparecer, tentariam afastá-lo das arbitragens e até sua família correria riscos.

“Nós, juízes, somos os culpados da violência”

Pode ser, mas, como os juízes não tentaram aplicar a lei com rigor, as dúvidas continuam. Até porque, segundo o próprio Márcio, nem os juízes conseguem se entender.

— Em 31 jogos, expulsei 30 jogadores, quase todos por violência. Só que, enquanto eu tento agir assim, o Romualdo Arppi Filho nem cartão amarelo costuma usar. Ele finge que não vê a violência porque quer estar de bem com todos os clubes e apitar três jogos por semana.

Um fator que Flávio Iazetti, professor da Escola de Árbitros, também encontra para justificar a complacência dos juízes:

— Sem retaguarda, vivendo num clima de passionalismo, e com medo de perder suas taxas de arbitragem — que podem render até 60 mil cruzeiros num mês —, eles acabam deixando a lei de lado para apitar na base do jeitinho. Com isso, o Zé Sérgio começa correndo a 80 km por hora e acaba a 10, quase estropiado. Mas será que os juízes são os únicos culpados?

Parece que não. É só assistir a um jogo perto dos técnicos para ver que eles também mandam baixar o pau. E não se sabe de jogador que tenha deixado de cumprir a ordem.

RONALDO KOTSCHO

leira especial que protege do calcanhar ao joelho.

De quem é a culpa por tanta violência?

Cansado de apanhar, Zé resolveu gritar

Para Zé Sérgio, os maiores responsáveis são os juízes, que confundem violência com jogo duro. Principalmente Roberto Nunes Morgado que em lugar

de punir seus agressores, prefere chamá-lo de manhoso.

— É só olhar minhas canelas e os jogos para ver que falo a verdade — diz Zé Sérgio. — Eu antes nem reclamava, mas agora não está dando para ficar calado. Pipocar é que eu não vou.

E basta a palavra do próprio Morgado para esclarecer possíveis dúvidas.

— Se o juiz é duro e aplica a regra, se dá mal. Somos obrigados a manejar um pouco.

Mais lúcido, mas nem por isso apli-

A ÚLTIMA PÃ DE CAL

Inconformados, os diretores prometem, agora, liquidar a igreja de jogadores que vem derrubando técnicos. Sinal de que algumas cabeças ilustres poderão rolar.

Sentado num canto do vestiário, braços caídos, rosto cansado, Vicente Raiola, um dos diretores de futebol do Palmeiras, repetia, baixinho: "Alguém precisa manter a cabeça fria".

A observação, para os menos avisados, poderia parecer desnecessária. Afinal, o vestiário era um verdadeiro velório e não se ouviam gritos nem lamúrias pela derrota — mais uma — de 3 a 0 para o São Paulo. Mas Raiola sabia bem do que falava. Sabia, também, que seus apelos eram em vão.

Zé Sérgio fez a crise estourar no Palmeiras

No Palmeiras, quando se supera a fase dos gritos e quando os corneteiros preferem ficar de longe, é porque a crise já atingiu seu ponto máximo e vai estourar. E domingo, mais do que a derrota para seu velho rival, a briga entre o lateral Rosemiro e o técnico Diede Lameiro foi a gota d'água que faltava. Só que, pelas promessas de Carlos Facchina, também diretor de futebol, desta vez os respingos não atingirão o técnico. Sérgio Clérice, Valdir Moraes e Osvaldo Brandão caíram sem que os jogadores fossem tocados, mas Diede será mantido.

— O caso Rosemiro é apenas um dos

muitos que vamos resolver esta semana. Existem outros, que nós já tínhamos anotado, e todos agora serão decididos.

Facchina não cita nomes, mas deixa claro que, na opinião da diretoria, existe um movimento dentro do plantel para boicotar os técnicos que não agradam ao grupinho que manda.

— Se este mesmo time foi considerado um dos melhores do Brasil nas mãos de Telê, por que agora não consegue ser pelo menos razoável? E não me digam que Jorge Mendonça faz falta. Ele muitas vezes ficou de fora e o time continuou ganhando.

Uma conclusão perfeita? Pelo menos para Rosemiro, não. Mesmo depois de esfriar a cabeça — atendendo uma recomendação de Facchina, com quem também discutiu — o lateral continuou a acusar Diede de incompetente, medroso e mau companheiro.

— Que técnico é esse que substitui um lateral por outro quando o time está perdendo por 2 a 0? Se ainda fosse por um atacante, vá lá.

A defesa de Diede é que Rosemiro tinha entrado para defender e não estava cumprindo suas ordens. Isto é, deixando Zé Sérgio ser o atacante mais perigoso de um São Paulo que jogava em ritmo de valsa, ganhando como e quando quis, só não chegando a uma goleada porque

Serginho perdeu ótimas oportunidades para marcar.

Ordens superiores à parte, e embora concordando que Rosemiro — como de resto todo o time — jogava muito mal, Diede, pelo menos, demorou a fazer a substituição. Deixou claro que há um desencontro entre ele e o time. Desencontro que Rosemiro, mesmo desestimulado por Pires, fazia questão de proclamar.

— No intervalo, ele, em vez de acalmar e aconselhar o Gilmar, preferiu acusá-lo pelo primeiro gol, ameaçando tirá-lo do time. A situação no Palmeiras está assim: hoje, ele tira um jogador do time e no jogo seguinte não o coloca nem mesmo no banco.

Rosemiro se referia a Nei. E Diede explicava que o ponta-esquerda só ficou de fora porque reclamou de uma dor na perna.

— Se ele está realmente contundido? Isso eu não sei dizer. Não sou médico.

De qualquer forma, a crise que o Palmeiras já detectara e que pretendia resolver aos poucos, vendendo e contratando jogadores, acabou estourando domingo. E Rosemiro, por ter jogado no chão a faixa de capitão do time, será o primeiro

São Paulo mostrou que tem bons reservas

a pagar por uma situação que o próprio Facchina concorda não ser causada apenas pelos jogadores. Facchina critica as contratações feitas pela diretoria anterior, ressaltando apenas a de Vanderlei — "um homem de muito caráter". Um leão dentro do campo. Mas um leão sem ajuda e sem força para dar ritmo ao time e evitar que o São Paulo, mesmo desfalcado de Oscar, Darío Pereyra e Renato — três das suas estrelas —, deitasse e rolasse, mantendo uma velha escrita.

Mais do que isso. Mostrando que está em estado de graça e que caminha traquilo para o quadrangular que vai apontar o adversário do Santos na grande final do campeonato.

Por JOSÉ MARIA DE AQUINO 

Lúcio tenta passar mas é barrado por Airton. Retrato de um jogo que só teve um time — o São Paulo

Na crise do Palmeiras, a derrota (0 x 3) para o São Paulo foi a gota que faltava





São Paulo 3 x 0 Palmeiras — No primeiro, Assis subiu mais que Beto Fuscão e só cumprimentou com a cabeça. Fotos Alfredo Rizutti



São Paulo 3 x 0 Palmeiras — No segundo, Paulo César tocou para Serginho, que chegou antes de Rosemiro. Fotos Alfredo Rizutti



São Paulo 3 x 0 Palmeiras — No terceiro, Paulo César centrou, Eriberto entrou para cabecear, sem dificuldades. Fotos Alfredo Rizutti

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ